

# A INVENÇÃO DO NORDESTE, DESCAMINHOS SÍSMICOS DE UMA PEÇA DOCUMENTAL DO GRUPO CARMIN

Henrique Fontes

*O Nordeste, invenção com menos de um século de existência, tem seus estereótipos e narrativas reducionistas questionados de forma ácida pelo Grupo Carmin em sua montagem A Invenção do Nordeste. A peça, que vem circulando pelo Brasil em festivais e em unidades do Sesc, é inspirada no livro homônimo do historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. e tem gerado reações diversas por onde passa.*

## Inventando na história

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte.”

As palavras escritas por Euclides da Cunha no livro *Os Sertões*, de 1902, e repetidas em inúmeros contextos para retratar o brasileiro pobre que mora no interior do Brasil, sobretudo na Região Nordeste, como um bravo lutador que enfrenta na seca um dos piores inimigos naturais, raramente são citadas em sua completude. Pois o que vem a seguir não é lá muito enaltecido.

“[...] Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura

corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra. [...] É o homem permanentemente fatigado” (CUNHA, 1956, p. 101).

A descrição desse ser meio homem, meio bicho talvez possa, para fins literários, ter contribuído para o propósito de Euclides da Cunha de confundir a figura humana com a paisagem árida do sertão nordestino, ou

melhor, baiano, pois a Bahia foi tudo que ele conseguiu conhecer na sua jornada rumo a Canudos. No entanto, a criação euclidiana alimenta um imaginário que foi repetido à exaustão pela literatura, pelas artes plásticas, música, teatro, cinema e, mais recentemente, pelas novelas e séries televisivas. Se é o Nordeste que precisa ser retratado, há sempre uma cara, uma paisagem, uma cor que aparece pintada ou descrita. Você certamente já imaginou algo semelhante. Consegue visualizar um tom ocre? Uns galhos secos? Um chão de terra rachada? Um homem em trajes de vaqueiro? E, se essa imagem tivesse som, você ouviria uma musicalidade particular na fala? Um jeito engraçado ou rude de se expressar? Se foram essas as imagens que lhe vieram à mente, elas não surgiram por acaso.

Sendo eu nortista, radicado no Nordeste litorâneo urbano, a pelo menos 200 km do sertão, em Natal (RN), posso dizer que para mim também é difícil escapar desse imaginário. Essa representação simplificada vem sendo ao longo dos anos reiterada e já está fortemente incorporada à narrativa até dos próprios nordestinos. No entanto, como toda simplificação, ela esconde algo.

Segundo o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr., autor do livro *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*, o Nordeste enquanto região nasce após a criação de sua suposta identidade regionalista. Ela é criada, ou melhor, inventada, como um lugar anacrônico e sem muitos recursos.

A região Nordeste, que surge na paisagem imaginária do país [...], foi fundada na saudade e na tradição. [...] Antes que a

unidade significativa chamada Nordeste se constituísse perante nossos olhos, foi necessário que inúmeras práticas e discursos “nordestinizadores” aflorassem de forma dispersa e fossem agrupados posteriormente (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 78-79).

E por quê? Para que finalidade uma região formada por nove estados e quase 1.800 municípios precisaria ter uma única identidade e tão ligada à seca, à pobreza e ao atraso?

Essa figuração de uma origem linear e pacífica para o Nordeste se faz preciso para negar que ele é algo que se inventa no presente. Visa negá-lo como objeto político cultural, colocando-o como objeto “natural”, “neutro” ou “histórico” desde sempre (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 80).

Essa identidade inventada nasce de uma necessidade de dominação política e constitui uma estratégia da elite aliada à classe política para reduzir o impacto que as secas e a perda da mão de obra escrava exerciam sobre seus lucros.

O Nordeste nasce da construção de uma totalidade político-cultural, como reação à sensação de perda de espaços econômicos e políticos por parte dos produtores tradicionais de açúcar e algodão, dos comerciantes e dos intelectuais a eles ligados. [...] Unem-se forças em torno de um novo recorte nacional, surgido com as grandes obras contra a seca (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 80).

### Inventando no teatro

Investigando mais a fundo essa história tão bem relatada por Albuquerque Jr. em sua obra, e motivado pelas reações xenóforas e de ódio ao povo nordestino manifestadas por internautas do Sudeste e do Sul quando da reeleição de Dilma Rousseff, em 2014, o Grupo Carmin, conduzido pela diretora Quitéria Kelly, decidiu reinterpretar a obra acadêmica e criar uma peça de teatro que, ao invés de reiterar os estereótipos nordestinos, pudesse colocá-los em xeque.

Após dois anos e meio de pesquisa, a escrita dramática e a montagem ganharam forma e a peça estreou em agosto de 2017. *A Invenção do Nordeste*, criada num formato que fricciona o teatro documental e a autoficção, conta a história de dois atores nordestinos que são pré-selecionados para um teste, promovido por uma grande produtora de audiovisual, para representar um personagem nordestino. Eles são preparados por um diretor, também nordestino, contratado pela produtora, que tem sete semanas para deixá-los prontos para a seleção final. Durante esse período, atores e diretor investigam a “nordestinidade” e vão percebendo que essa invenção de identidade tem muitos aspectos curiosos, cômicos e, muitas vezes, doloridos.

Nesse primeiro ano de existência, além da temporada em Natal, a peça circulou por festivais e realizou temporadas no Sesc Belenzinho, em São Paulo, e no Sesc Copacabana, no Rio de Janeiro. Circulou também pelas cidades pernambucanas de Petrolina e Recife, além de Juazeiro do Norte, no Ceará. As reações ao texto e à encenação variam sempre, talvez porque a defesa do “orgulho

de ser nordestino” – aliás, outro falso enaltecido – esteja amalgamada de forma tão sólida que mover essas placas tectônicas do regionalismo provoca um pavor de que o chão se abra e nos engula a todos.


Em Petrolina, primeira cidade em que apresentamos o espetáculo fora de Natal, fomos recebidos por um público acolhedor, que se divertiu com a crítica ácida aos coronéis, mas que também se espantou quando Gilberto Freyre é criticado e quando Pernambuco é retirado do mapa do Nordeste na peça. Em Juazeiro do Norte, a cena do coronel padre Cícero Romão Batista acalmou as risadas que a antecederam, mas não causou constrangimento ou reação adversa. Talvez a verdade sobre o coronel de chapéu e batina seja mais popular do que imaginamos.

Em São Paulo, fizemos 16 apresentações na unidade do Sesc Belenzinho e tivemos um público crescente, que se envolvia com todas as questões levantadas em cena, mas quase sempre, ao final de cada apresentação, um silêncio de constrangimento se instaurava no teatro. Talvez fosse uma mensagem inconsciente enviada ao público pelos pais, avós ou amigos nordestinos que, há décadas, vão para São Paulo trabalhar nos empregos que ninguém mais quer, na busca de oferecer condições de vida mais dignas aos filhos e netos. Talvez também tenha pairado sobre um ou outro espectador uma nuvem de vergonha, ao reconhecer que alguma vez se sentiu superior por ter sido criado mais ao sul do país, e que aqueles “lá de cima”, por um acaso geográfico e climático, eram fortes, mas inferiores – Hércules-Quasímodos, na imagem de Euclides da Cunha.

No Rio de Janeiro, nossa temporada mais recente, tivemos a impressão de estar em casa. Um público caloroso nos recebeu em 12 apresentações com casa lotada, com direito a fila de espera. Foram muitas risadas em momentos que até não pensávamos que seriam engraçados, mas, mesmo sendo os cariocas mais abertos para o riso, ao final de cada apresentação sempre nos procuravam para comentar aspectos xenófobos sobre os quais nunca haviam pensado. Muitos afirmaram que, a partir daquele momento, iriam observar o quanto estavam reforçando estereótipos ou repetindo uma defesa inútil de identidade.

Acredito que haja marcas culturais que nos identificam às nossas origens familiares, ou vícios de linguagem e hábitos que traduzem parcialmente quem somos. Mas reduzir a cultura de nove estados brasileiros a um conjunto de signos e desígnios, sotaques e trejeitos, valores e religiosidades torna-se inútil se a ideia é identificar e reconhecer origens. E mesmo que haja um “DNA coletivo”, como afirma Jessé Souza ao se referir à construção da identidade brasileira, é fundamental saber que

Podemos também, porventura, “mudar o nosso DNA simbólico e cultural”, na medida em que nos apropriamos dele sem ilusões e sem fantasias compensatórias (SOUZA, 2018, p. 38).

Então, que esse Nordeste inventado sirva de lembrete e alerta para outras tantas invenções produzidas pela elite brasileira, que constrói narrativas simplificadoras com o intuito bem-sucedido de continuar no topo de sua complexa pirâmide, sem olhar para baixo e sem sofrer ameaças sísmicas. 



## Henrique Fontes

É ator, dramaturgo, diretor e gestor cultural com mais de 20 anos de atuação profissional. Formado em comunicação e mestre em ciências sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), é sócio-fundador e atual presidente do espaço cultural Casa da Ribeira, além de fundador e colaborador do Grupo Carmin, ambos em Natal (RN).



## Referências

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2009.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 24. ed. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1956.
- SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. 3. ed. São Paulo: Contracorrente, 2018.